

Em relação a dois ou tres verbos de que falla, não nos ficaria mal pouco mais de attenção ao—*emprego* e á *accepção* de cada, sem descuidar da enálage.

Quer auctor? Julio Ribeiro abre a série.

*
* *

Finalmente, meu caro, quanto lhe escrevo, traçado á pressa e ás tontas, representa pouco, tal a superficialidade. Todavia, se lhe não causar desagrado,—sua visita a meu tugurio, independente de *renovada apresentação* já garantida por *nove annos de convivio*, marcará grande honra e despertará muita alegria.

Terei azo de, á luz de lampada humilde, assegurar-lhe que um paraense modesto, de algum tirocinio, paraense que jamais *comprometteu empresa maior ou menor*, pode, e com largo direito, ser professor na Escola Normal.

Isso você muito reconhece, como sabem melhor os que me invejam e por inveja me apedrejam.

*
* *

E quando me approximo do fecho, ouço de Pires Ferreira grave conselho que talvez lhe aproveite:

«O estudo da Lingua Portuguesa é um mar sem praias, e certos espiritos bem fazem em se não alongar pelo mar alto e sim ir terra a terra para não naufragar ao soprijo da critica».

Profunda verdade que os emulos de Mario não querem compreender...

*
* *

Aqui me fico, na certeza de que você prosegue em ser o estudioso que não lê transversalmente, com os dedos, e em horas duvidosas. E faz muito bem esquecer os remanescentes da Ninive de Membrôt, tão velhos são...

*
* *

Disputando uma promoção do «quinhentismo» ao «seiscentismo», *eu me despido* de você, com um abraço de especial camaradagem.

Infantil». Não tenho duvida de que todo professor muito ganhará com sua leitura; mas penso que a mais brilhante afirmativa que nelle se contém é a de uma professora que diz: «Demasiada tem sido o trabalho que a respeito destes problemas tem sido feito com o papel e as machinas de calcular, e demasiado pequeno o realizado com os seres humanos!» Nessa afirmativa encontramos o amago, o ponto essencial do nosso thema; porque a creança não é somente um feixe de reacções psychicas, é acima de tudo um ser humano que deve ser amado.

Foi esse principio fundamental da educação — o de que a creança é um ser humano que deve ser amado — a norma orientadora de Pestalozzi, o Pae da Educação Moderna. Não sei quantos de vós tereis lido a vida de Pestalozzi; se a tiverdes, tereis notado que o que o inspirava no seu trabalho era a compaixão que sentia pelo abandono em que viviam as creanças. Elle reunia a seu redor as creanças pobres, que eram quasi tratadas como animaes e só eram alimentadas porque, quando crescessem, se haviam de tornar trabalhadores uteis nas fainas agricolas. Não se fazia sequer uma tentativa por evocar nestas creanças algum aspecto mais alto da intelligencia. Pestalozzi levava as creanças para o seu lar; com o dinheiro que obtinha de pessoas bem intencionadas, elle vestia e alimentava essas creanças; e elle proprio lhes ministrava a instrucção. Irradiava delle o amor pelas creanças. Esforçava-se por comprehender a creança, levado pelo amor que lhes tinha, e, com este amor por guia, elle intuitivamente sentiu qual o caminho a seguir, á medida que penetrava o mundo inexplorado da educação da creança.

Esse profundo amor pelas creanças é que o levou a enunciar um principio que eu pessoalmente considero como o primeiro axioma educacional. E' o seguinte: «Se o que ensinaes á creança não lhe alegre a face, então é que lhe estareis ensinando uma cousa errada ou uma cousa certa mas apresentada de um modo erroneo».

Outro principio que Pestalozzi introduziu foi o de que a instrucção theorica se deve alliar á acção. Tal principio á que veiu a originar a ideia dos Jardins da Infancia, com todas as suas actividades que baniram da mente infantil a noção da «escola» como um local de tédio e de castigo. Shakespeare, em um dos seus famosos dramas, mostra-nos a creança dirigir-se de má vontade, á escola. Hoje, porém, sabemos que se a creança não aspira a ir ao seu Jardim da Infancia é que neste algo deve haver de errado.

Para mim o seguinte progresso realmente grande, no que respeita ao methodo educacional, veiu-nos com Madame Maria

Montessori. A attitude commum para com a creança vem expressa no dito da mãe americana angustiada e cansada que teria exclamado : « Vá ver o que Tony está fazendo e diga-lhe tambem que não faça isso ». Ainda agora ha difficuldade em desarraigir da consciencia da geração mais velha, nos paizes christães, a antiga concepção de uma tendencia natural do homem para o peccado; a tristeza em que a doutrina do peccado original envolve a natureza humana ainda é propagada pela velha geração em relação á creança. Por isso, se a creança pratica alguma cousa que contrarie a nossa conveniencia, logo concluimos que ella está andando errado. Se, quando dizemos á creanças que permaneça quieta ou não faça perguntas, ella não nos obedece, não nos occorre indagar se ella não estará agindo da fôrma mais acertada, de accôrdo com o seu proprio padrão de conveniencia. Resolvemos o complicado problema da creança com a nossa ordem : « Diga-lhe tambem que não faça isto ».

Ora, subjacente ao systema Montessori ha a concepção de que a creança desenvolve as suas faculdades por um processo de experimentação e de que não a ajudamos realmente se nos apressamos em querer auxiliá-la a alcançar com rapidez os resultados visados. Quando uma creancinha se está esforçando por subir a uma cadeira, nosso primeiro movimento todo instinctivo, é de auxiliá-la a subir; não nos occorre que ella se desenvolve sobretudo pelo seu proprio esforço. E' esse principio da auto-educação que vem brilhantemente desenvolvido no methodo Montessori. O exito que se alcança com este methodo, no despertar as faculdades da creança, póde ser aquilatado pela declaração que ouvi a varios professores das escolas officiaes communs, de que uma creança educada segundo Montessori é em geral um anno e meio mais desenvolvida que as da mesma idade a quem não foi applicado esse methodo.

Um dos maiores progressos no campo educacional será o que resulta da compreensão do que se acha implicito no thema da psychanalyse. Este novo ramo da psychologia faz-nos descobrir muitos estranhos factos da vida. O assumpto é muito vasto, mas a nós só interessa o que a psychanalyse tem a dizer sobre a creança e sobre os paes. Ha varios livros publicados sobre a psychanalyse e a creança; e todo professor algo deveria conhecer dessa questão, pois muito comportamento estranho das creanças póde ser explicado pela psychanalyse. Resumindo-o em poucas palavras, se tomarmos como padrão a creança normal sã e feliz, então teremos que toda creança que se apresentar differente em sua conducta, estará soffrendo de alguma especie de inibição. Exactamente como, ao olhar-

Agora, em nossos presentes methodos, nas escolas como nas academias, apenas appellamos para a mente das creanças e jovens. Não sabemos que a creança possui outras faculdades de comprehensão. Mas, ella as possui; possui uma outra faculdade, e maior ainda, no que respeita á educação. É a sua intuição. Se somente podessemos appellar para a sua intuição, a creança poria em acção uma nova faculdade que tornaria o processo de aprender muito mais rapido. Ha uma historia relativa a uma creança na California que bem illustra este ponto. A professora explanava repetidamente um ponto difficil, na esperança de o deixar bem claro; então uma das creanças exclamou: « Professora, porque está falando tanto? Nós já comprehendemos ». Porque as creanças em uma região como a California se estão tornando intuitivas; o proprio sol da California trabalha-lhes a imaginação.

Ora, aqui no Brasil ha algo dos mesmos effeitos de luz, do calor e vegetação tropical e sub-tropical, que são factores no crescimento da creança. Além disto, estaes construindo, no Brasil, uma nova raça, que é diversa da raça portugueza, de que derivais vossas tradições culturaes. A creança brasileira já provavelmente differe da creança portugueza sob muitos aspectos; será ainda mais differente á medida que a raça brasileira sempre mais claramente manifeste as suas características.

As creanças do novo mundo, isto é, da America do Sul, do Norte e do Centro, se estão tornando sensitivas á intuição. A faculdade intuitiva reside em nós todos, mas não estamos acostumados ás suas manifestações. Alcançamos a verdade atravez de nossa mente; não sabemos que ha tambem um outro caminho. No emtanto, este existe e é o da intuição. Quão pouco comprehendido é ainda esse methodo, mostra-o o facto de até aqui somente dous philosophos modernos o haverem discutido; são elles, o francez Bergson e o italiano De Croce, ambos pertencentes á raça latina. É-me impossivel aqui explanar tudo a respeito da intuição; mas de uma cousa eu estou inteiramente certo e é de que o novo progresso do methodo educacional consistirá em tornar a creança intuitiva. Quando uma creança fôr intuitiva, ella aprenderá rapidamente por meio de noções geraes.

A creança brasileira, por isso, deve ser educada de modo diverso da creança portugueza, hespanhola, italiana ou franceza; primeiro por pertencer a uma nova raça, e, depois, por estar apta a manifestar essa nova faculdade da intuição. Ora, ha uma estreita relação entrè a belleza e a intuição. Tornae uma creança sensivel á belleza e ella lentamente se tornará mais e mais intuitiva. É por isso que tanto accentuei a necessidade da belleza na educação da creança.

É justo que, como professores, procureis manter-vos bem informados das ultimas experiencias educacionaes. Mas não as deveis copiar cegamente. É verdade que a natureza infantil é quasi inteiramente—a mesma, por toda a parte; ha entretanto differenças entre as creanças brasileiras e as inglezas ou hindús. Deveis, no Brasil, estudar a creança brasileira, qual ella é actualmente e qual ella deve ser. A primeira, a creança brasileira qual ella é, podeis descobri-la estudando cuidadosamente vossas creanças; mas, a ultima, a creança brasileira qual ella deve ser, somente podereis conhecê-la se tiverdes uma ideia clara do que o Brasil ha de ser. A educação da creança deve ser orientada por dous factores: *primeiro*, o seu temperamento individual, e *depois*, a sua relação, como unidade que é, com o todo de que é parte. Todo menino ou menina nascidos no Brasil não só devem comprehender como ser felizes, mas tambem como fazer os outros felizes.

Deveis, por isso, formar uma ideia do que seja o character brasileiro ideal e depois auxiliar a creança, a amoldar-se, tanto na escola como depois da escola, a esse ideal. Este depende muito do papel que o Brasil deve desempenhar nos negocios do mundo. Desejaes ser uma raça imperialista, aspirando a subjugar outras raças? Então, o vosso brasileiro ideal deve ser modelado de accordo com esse typo de grandeza nacional. Sei que vossa Constituição prohibe as guerras de conquistas; mas, como tambem sabeis, neste momento a Constituição pode ser mudada. Por outro lado, se vos quizerdes distinguir como nação pelos vossos sentimentos de fraternidade e de afeição ou pela sensibilidade artistica, tereis de modelar, com os vossos programmas escolares o character da creança, de maneira inteiramente differente. Deixae-me illustrar este facto—o de que a educação, até certo ponto, deve associar-se ao trabalho da nação.

Cerca de um seculo atraz, houve na Inglaterra um notavel mudança nas escolas em que se instruiam os meninos das classes mais ricas. A educação das meninas muito pouco entrava em linha de conta nessa época. Esse plano educacional para as classes mais ricas era por meio das escolas ainda hoje denominadas «publicas» embora sejam, curiosamente, o mais caro e dispendioso systema educacional, que não é nada para o publico e sim para o rico. Ora, na Inglaterra em virtude das leis que estabelecem a primogenitura, os filhos segundos de cada familia, depois de educados em uma «escola publica» tem que deixar a familia para construir os seus proprios lares. Assim como os pequenos passaros são impellidos para fóra do ninho, chegado o tempo, assim o joven inglez tinha que partir para os territorios recentemente adquiridos pela Grã

Bretanha na Asia, na Africa, Australia e Canadá. Alli elle tinha que lutar contra um meio cheio de difficuldades; muitas vezes elle tinha que ser como uma pequena ilha branca, rodeada de um oceano escuro. Podia ser forçado a ser um governante, um administrador, chamado a exercer sua actividade sobre milhares de pessoas. Por outras palavras, elle apenas podia ter exito na vida e fazer fortuna, como um imperialista, como um aventureiro colonial. Naturalmente, por isso, a educação do menino que cursava a «escola publica» era dirigida para um objectivo definido. Era considerado necessario que o menino fosse rude e não um «alfenin»; esta foi a razão de se terem os jogos tornado compulsorios nas escolas publicas inglezas e por isso tambem varias formas de brutalidade, commettidas pelos meninos maiores contra os de menor idade, não eram castigados. Os menores aspectos do alumno dessa escola publica são assim descriptos por um escriptor inglez: «Estar sempre prompto a acceitar o que é aspero como o que é suave; a trabalhar bem e a brincar bem; a sorrir animosamente quando as cousas corram mal, não ficando de cabeça inchada se accaso correm bem; a permanecer de pé por si mesmo, como um homensinho e a executar o que lhe compete, seja ou não agradavel, sem fazer deste facto uma epopéa.

Ora, ha muito nisto que é admiravel e que pode ser aproveitado no Brasil. Mas mesmo esse typo de educação para os jovens inglezes, já não é um exito hoje. Não ha mais territorio que possam conquistar e as raças escuras que ellas governam, querem hoje governar-se a si mesmas. Notae especialmente que nessa descripção do alumno das escolas publicas inglezas, não ha uma palavra que se refira á mente aberta ás idéas, ou á sensibilidade artistica, ou ao desenvolvimento da imaginação. E dessa omissão resulta de modo patente o facto de não mais a Inglaterra controlar os mercados mundiaes. Porque os homens de negocios inglezes não modificam os seus methodos para se adaptarem ás conveniencias das outras nações. Por exemplo, elles ainda hoje fazem pouco do systema metrico e medem as suas mercadorias em jardas e libras e usam um systema monetario que causa difficuldades a todos os que adaptarem o systema decimal. Assim pois, não servirá ao Brasil a adopção de tudo o que caracteriza o systema inglez, nem de qualquer outro systema estrangeiro. Deveis, no Brasil, crear o vosso mesmo systema; mas para isto deveis ter uma visão do que ha de ser o Brasil no futuro. Quem, dentre os vossos grandes homens, dentre os vossos poetas, vos dará essa visão?

Eu apenas vos posso dizer um facto que deveis tomra em conta como um factor em vossa educação: tendes no Brasil as mais bellas creanças do mundo:

Um problema de grande difficuldade é como despertar na creança um fervoroso amor pelo seu paiz e pelo seu povo, sem despertar ao mesmo tempo uma aversão ou desprezo pelas outras nações e povos. Sou um crente entusiasta no internacionalismo e encontro-me profundamente convicto do principio subjacente á Liga das Nações, ou seja de que cada nação deve sacrificar algo para trabalhar em harmonia com as demais em pról da Paz Mundial. Mas o internacionalismo só é uma força real quando professado por quem ama o seu proprio paiz e por causa deste amor reconhece o que ha de apreciavel nos demais paizes. Um internacionalismo que despreze o patriotismo não nos ajudará a firmar a Paz Universal. E' necessario apresentar á imaginação da creança ideias de heroismo e de auto-sacrificio; ella melhor póde entender taes ideias atravez de narrativas sobre os heróes do seu paiz. Um fervoroso patriota, dedicado aos verdadeiros interesses de seu paiz e orgulhoso de sua historia, póde tambem ser um crente no internacionalismo. Como fazer da creança um pequeno patriota e ao mesmo tempo um crente no internacionalismo, é um dos mais sérios problemas da educação. São as creanças de hoje que tem de construir as grandes organizações internacionaes, no commercio e na industria, que, poderão regular a competição internacional, de modo a terminar a presente lucta entre o capital e o trabalho, entre as raças brancas e as de côr. As creanças de todos os paizes devem ser patriotas e adeptos do internacionalismo. A questão é apenas: como conseguil-o?

Desejo-vos dizer algumas palavras sobre a carreira do professor, pois que a professores é que me dirijo. A profissão do magisterio é, em alguns paizes, a peor paga, entretanto, nella ha um maior dispendio de força nervosa do que em qualquer outra. Em vossa civilização occidental, o professor occupa uma posição inferior, comparada, por exemplo, com a attribuida ao politico, á estrella do cinema ou ao boxeur. No entanto, repito aqui o que ja disse ha annos passados: assim como é o professor, assim é a creança; assim como é a creança, assim é o Estado. E' o professor que crea a nação e não os seus politicos ou generaes. Como referi no inicio, a Educação deveria ser o primeiro interesse do Estado. Lembrae-vos, entretanto, de que se o Estado vos esquece, ha Alguem maior que elle que vos não esquece, não importa que n'Elle acrediteis ou não; Elle conhece o vosso trabalho. Refiro-me ao Fundador de vossa religião, que disse: «Deixae os meninos

O PROFESSOR E A CREENÇA

C. JINARAJADASA

O theosopho, dr. C. Jinarajadasa, que visitou as capitães da Amazonia, a convite de associações theosophicas, realizando varias conferencias, proferiu sob o titulo acima, em homenagem ao Exmo. Sr. Major Magalhães Barata, Interventor Federal do Estado, a conferencia que ESCOLA tem o prazer de publicar nestas paginas.

Trez razões me assistem para agora vos dirigir a palavra sobre um thema educacional. Primeiro que tudo o facto de haver eu sido tambem professor e conhecer assim quão ardua é a profissão do magisterio; além disto, acho-me intimamente ligado á direcção de escolas primarias, secundarias e superiores na India e assim estou em contacto com os professores e os seus problemas. Mas a terceira razão é a melhor de todas é o amor que tenho ás creanças. Ellas sempre me inspiram e de modo profundo. Quando sinto esgotadas as energias na batalha da vida e nada me traz inspiração, eu vou ter com as creanças — nos parques e nas ruas — e contemplo-lhes os semblantes. Ellas me abrem o reservatorio interior das energias e eu me sinto de novo saturado de forças para renovar a lucta. Por isso mesmo, tudo quanto affecta a vida das creanças é do maior interesse para mim. Mais ainda: considero do meu dever auxiliar as creanças a alcançar em suas vidas um exito maior do que o que eu possa ter alcançado. Ando a proclamar constantemente grandes ideais de vida — mas, nós, os mais edosos, nelles apenas parcialmente podemos ter exito. As creanças de hoje, porém, alcançarão pleno exito, se forem guiadas de modo adequado. E' por isso que o problema da Educação é o primeiro problema do Estado.

Estaes por certo ao par de quanto vae sendo descoberto hoje relativamente á psychologia da creança. Os Estados Unidos muito têm feito nesta esphera. Ainda agora acaba de ser publicada a segunda edição de um grande livro de novecentas e cincoenta e seis paginas, intitulado «*Manual de Psychologia*

e não embarceis que elles venham a mim; porque destes taes é o reino dos ceus» (Math., 19, 14).

Se é pequena a vossa recompensa terrena pela vossa dedicação como professora; se, quando vos aposentaes, são pequenos os vossos vencimentos; pelo menos nos céus as contas serão ajustadas. Participareis muito mais das glórias que Elle tem para todos, muito mais do que os grandes da terra, os ricos, os poderosos, que difficilmente dão um pensamento ao professor.

Por isso sejam quaes forem os desapontamentos que vos sobrevenham, não falheis ás creanças. Fazei do servir ás creanças o vosso ideal, e no Dia do Julgamento comprehendereis com alegria a verdade do que Elle disse: «O que receber em meu nome um menino, tal como este, a mim é que recebe». (Math., 18, 5).

Por ultimo, desejo dizer-vos algo que vos parecerá muito estranho; é a influencia que sobre o professor exerce a creança. Qual poderá ser a influencia da creança sobre o professor, a não ser a de cançal-o ou irrital-o? Essa influencia é maravilhosa e foi uma grande educadora que della me falou. No mez de Dezembro ultimo, quando me encontrava em Londres tive a oportunidade de uma deleitosa conversa com Madame Maria Montessori; e ella referiu-me uma descoberta sua a respeito da creança. Fôra algo de imprevisto para ella, embora da maior importancia para a educação. Ella disse-me que notara que os seus professores, á medida que comprehendiam o seu methodo, começavam a mudar não só como professores, mas tambem como seres humanos. Uma mutação subtil era produzida no professor pela creança; ella disse-me que a creança parecia ser como um «piccolo Messia»—é sua phrase, não minha—e trazer ao professor uma revelação sobre toda a vida. Mas como pode a creança falar-nos dos mysterios da vida? No entanto, ella nos fala; e quando comprehendes de que maneira o faz, talvez compreendaes o que queria dizer o Christo ao affirmar: «Se não vos converterdes e não fizerdes como meninos, não haveis de entrar no reino dos céus». (Math. 18, 3).

No systema Montessori, um dos principios é o de que o professor não se deve impor á creança; elle deve observar a creança, deixando de lado todas as theorias sobre educação aprendidas na Escola Normal; deve estudar a creança como esta se fôr revelando, seguir-lhes as proprias reacções e não lhe deve de modo algum dizer: «Faça isso» ou «Não faça aquillo». A' creança deve ser permittido experimentar, fazer experiencia com os apparatus a isso destinados e o professor crescerá em conhecimento da sciencia ao estudar a creança e não dirigindo-a.

Ora, esse desapego na observação é um exercicio altamente espiritual; a mente, com suas recordações contraditórias de experiencias e theoria a respeito, serena nestes instantes; e durante esse periodo de quietude mental, a intuição do professor começa a manifestar-se. Quando admiraes um pôr de sol ou escutaes uma musica abstracta, como por exemplo uma sonata, não raciocinaes a este respeito; vossa reacção se faz por meio de um sentimento de maravilha que está para além do pensamento. Então, vós vos aproximaes do reino da intuição.

De maneira semelhante, a professora, seguindo o methodo Montessori, começa a crescer em intuição á medida que executa sua missão. É a creança—esse «fragmento de manhã, esse botão de primavera» como a descreveu outrora um poeta—que exerce esse notavel influxo sobre a professora. E uma vez desperta a intuição na professora, ella começa a reagir com a sua intuição a todas as experiencias da vida. O valor da intuição consiste em vos dizer o que é a vida *directamente*, sem intermediarios; compreendeis a vida *directamente* por vós mesmos e não só com o auxilio de uma tradição da verdade, seja a religião ou a sciencia. Não é de espantar assim que toda a attitude do professor mude para com a vida, como o notou Madame Montessori. E toda essa maravilhosa mutação no professor é produzida pela creança. Se o professor ajuda a creança a desenvolver-se, como o sol auxilia o botão a desabrochar em flôr, a creança tambem auxilia o professor a desenvolver-se. Uma orientação completamente nova na educação nos é revelada por Madame Montessori ao proclamar a creança como «um pequeno Messias». Eu faço votos para que o vosso Governo venha a convidar Madame Montessori para uma visita ao vosso paiz, de maneira que ella possa inspirar aos professores brasileiros, com as suas brilhantes doutrinas.

Concluirei, lembrando-vos mais uma vez que a vossa profissão é sagrada e que todas as difficuldades que atravessare e todos os sacrificios que fizerdes serão annotados nos livros dos Céus. Não permitaes que as vicissitudes da vida e especialmente vossas proprias ansiedades e desapontamentos, vos tornem descuidados em vosso trabalho consagrado, como professores. *Sêde leaes para com as creanças*; esse é o primeiro e ultimo dever do professor. E vereis então que a creança—«fragmento de manhã, botão de primavera»—vos trará uma primavera sem fim e que, embora decorram os dias, estes sempre terão a frescura da manhã.

A Instrução Primaria

em S. Paulo e no Pará

A eficiente e benemerita campanha da Bandeira Paulista de Alfabetização

S. Paulo é o estado do Brasil onde o ensino atingiu o seu maior desenvolvimento dentro dos novos processos pedagogicos. O aparelho educacional é admiravelmente organizado dados os recursos financeiros de que dispõe o governo paulista. Dai a alto nível a que chegou a população escolar daquele poderoso estado da Federação. Ultimamente, o sr. Interventor Armando de Sales Oliveira assignou o decreto que estabelece o minimo que as municipalidades deverão dispendir com a instrução publica primaria e dá regalias aos professores normalistas das escolas municipais bem como superintende o ensino em todo o Estado. Essa medida já foi posta em pratica pelo Goveruo da nossa Interventoria que, em decreto publicado em Fevereiro do corrente ano, resolve superintender a instrução em todo o Estado bem como estabelece o minimo da verba a ser dispendida pelas prefeituras.

Atualmente é a seguinte a tabela das verbas municipais e das escolas auxiliares creadas:

SERVIÇO DE INSTRUÇÃO NOS MUNICÍPIOS E TERRITÓRIOS EM 1934

MUNICÍPIOS	N.º DE ESCOLAS	DISPENDIO POR UNIDADE	DISPENDIO TOTAL	DOTAÇÃO ORÇAMENTARIA	SALDO	DEFICITS	OBSERVAÇÕES
Abaeté	16	1:200\$000	19:200\$000	16:940\$000	\$	2:260\$000	
Acará.....	13	1:200\$000	15:600\$000	14:000\$000	\$	1:600\$000	
Afuá	9	1:200\$000	10:800\$000	13:000\$000	2:200\$000	\$	
Alenquer.....	18	1:200\$000	21:600\$000	18:542\$000	\$	3:058\$000	
Arari	19	1:200\$000	13:200\$000	17:940\$000	4:740\$000	\$	
Aitamirá.....	7	1:200\$000	11:400\$000	14:216\$000	2:816\$000	\$	
Baião.....	4	1:200\$000					
	1	720\$000					
	5	1:920\$000	5:520\$000	6:414\$000	894\$000	\$	
Belém.....	39	1:200\$000	46:800\$000	35:000\$000	11:800\$000	\$	
Bragança.....	11	1:200\$000	13:200\$000	15:000\$000	1:800\$000	\$	
Breves.....	16	1:200\$000	19:200\$000	20:200\$000	1:000\$000	\$	
Cametá.....	26	1:200\$000	31:200\$000	36:650\$000	5:450\$000	\$	
Castanhal.....	11	1:200\$000	13:200\$000	13:000\$000	\$	200\$000	
Curuçá.....	6	1:200\$000	7:200\$000	9:460\$000	2:260\$000	\$	
Gurupá.....	11	1:200\$000	13:200\$000	13:870\$000	670\$000	\$	
Igarapé-miri.....	6	1:200\$000	7:200\$000	8:650\$000	1:450\$000	\$	
Irituia.....	39	1:200\$000	46:800\$000	40:000\$000	\$	6:800\$000	
João Pessoa.....	10	1:200\$000	12:000\$000	12:250\$000	250\$000	\$	
Macapá	7	1:200\$000	8:400\$000	30:300\$000	21:900\$000	\$	
Marabá.....	3	1:200\$000	3:600\$000	6:850\$000	3:250\$000	\$	
Maracanã.....	7	1:200\$000	8:400\$000	9:230\$000	830\$000	\$	
Marapanim.....	9	1:200\$000	10:800\$000	12:080\$000	1:280\$000	\$	
Muaná.....	17	1:200\$000	20:400\$400	16:380\$000	\$	4:180\$000	
Monte Alegre.....	16	1:200\$000	19:200\$000	30:524\$000	11:324\$000	\$	
Obitos.....							

OBSERVAÇÕES

MUNICIPIOS	N.º DE ESCOLAS	DISPENDIO POR UNIDADE	DISPENDIO TOTAL	DOTAÇÃO ORÇAMENTARIA	SALDO	DEFICITS	OBSERVAÇÕES
Ourém.....	13	1:200\$000	15:600\$000	8:800\$000	\$	6:800\$000	
Portel.....	5	1:200\$000	6:000\$000	7:550\$000	1:550\$000	\$	
Salinas.....	6	1:200\$000	7:200\$000	6:600\$000	\$	600\$000	
Santarém.....	19	1:200\$000	22:800\$000	27:640\$000	4:840\$000	\$	
Santo Antonio de Aruans.....	9	1:200\$000	10:800\$000	10:500\$000	\$	300\$000	
Santa Izabel.....	5	1:200\$000	6:000\$000	16:670\$500	10:670\$500	\$	
Siqueira Campos.....	16	1:200\$000	19:200\$000	19:700\$000	500\$000	\$	
S. Miguel do Guamá.....	18	1:200\$000	21:600\$000	16:850\$000	\$	4:750\$000	
S. Domingos do Capim.....	7	1:200\$000	8:400\$000	12:650\$000	4:250\$000	\$	
Soure.....	21	1:200\$000					
	1	600\$000					
	22	1:800\$000	25:800\$000	26:000\$000	200\$000	\$	
Vigia.....	10	1:200\$000	12:000\$000	17:800\$000	5:800\$000	\$	
Territórios:							
Amapá.....	9	1:200\$000	10:800\$000	5:072\$700	\$	5:727\$000	
Conceição do Araguaia.....	1	1:200\$000	1:200\$000	2:560\$000	1:300\$000	\$	
Faro.....	1	1:200\$000	1:200\$000	4:055\$000	2:745\$000	\$	
Itaituba.....	6	1:200\$000	7:200\$000	8:510\$000	1:310\$000	\$	
Jurutí.....	7	1:200\$000	8:400\$000	4:575\$000	\$	3:925\$000	
Viscu.....	9	1:200\$000	10:800\$000	9:000\$000	\$	1:800\$000	
Sub-prefeituras							
Barcarena.....	2	1:200\$000	2:400\$000	3:640\$000	1:240\$000	\$	
Currálinho.....	7	1:200\$000	8:400\$000	6:040\$000	\$	2:360\$000	
Mocajuba.....	7	1:200\$000	8:400\$000	3:595\$000	\$	4:805\$000	
Mojú.....	1	1:200\$000					
	5	600\$000					
	6	1:800\$000	4:200\$000	6:000\$000	1:800\$000	\$	

MUNICÍPIOS	N.º DE ESCOLAS	DISPENDIO POR UNIDADE	DISPENDIO TOTAL	DOTAÇÃO ORÇAMENTARIA	SALDO	DEFICITS	OBSERVAÇÕES
Praíha.....	3:810\$000	3:810\$000	\$	
S.Caetano de Odivelas ..	8	1:200\$000	9:600\$000	5:220\$000	\$	4:380\$000	
Souzel ..	1	1:200\$000	1:200\$000	2:860\$000	1:680\$000	\$	
SOMA TOTAL.....			607:050\$000	645:414\$200	103:869\$500	65:345\$300	
Prefeitura de Almerim....	14:540\$000	14:540\$000	\$	
			607:050\$000	660:954\$200	118:409\$500	65:345\$300	

A Sub-prefeitura de Praíha e a Prefeitura de Almerim, não possuem escolas auxiliares, não obstante contarem com dotações orçamentarias constantes deste quadro

O Decreto que dá nova organização ás escolas auxiliares do interior e estabelece os vencimentos está assim redigido :

DECRETO N.º 1203, de 3 de fevereiro de 1934.

Dá nova organização ás escolas auxiliares do interior e estabelece os vencimentos dos professores.

O Major Interventor Federal, por nomeação legal do Governo Provisorio da Republica, usando de suas atribuições, e, considerado que a experienciã aconselha unificar inteiramente os laços de subordinação das escolas denominadas—auxiliares—mantidas pelos municipios e territorios do Estado, dando-lhes uma só direção, qualquer que seja o ponto de vista, didaticos, pedagogico ou economico, tanto mais que são imperiosas as obrigações assumidas pelo Estado quanto ao Convenio Estatistico,

DECRETA:

Art.º—Ficam as escolas chamadas—auxiliares—consideradas de 1ª e 2ª categorias, conforme a respectiva localização, que será estabelecida pela diretoria Geral da Educação e Ensino Publico, sendo os vencimentos de 70\$000 a 100\$000 mensais para os professores de 1ª, e 50\$000 a 70\$000 para os de 2ª.

Art. 2.º—Destinadas como são as ditas escolas a alfabetisar o maior numero de creança, poderá a Diretoria Geral da Educação e Ensino Publico, dar-lhes programa de ensino adequado a tais fins, guardadas as linhas gerais do Regulamento do Ensino Primario.

Art. 3.º—Revogam se em disposições em contrario. O Secretario Geral do Estado assim o faça executar.

Palacio do Governo do Estado do Pará, 3 de Fevereiro de 1934.

J. DE MAGALHAES BARATA,
Major Interventor

R. Nogueira de Faria

A Bandeira Paulista de Alfabetisação, no sentido de querer divulgar, intensamente, todo o movimento educacional de S. Paulo, enviou ao governo do Estado o teor do decreto da Interventoria paulista que regulamenta o ensino municipal o que deu logar á instalação de mais de mil escolas sem dispendio algum do Estado, porque são custeadas pelos municipios.

E' o seguinte o resumo do trabalho da B. P. A.

Escolas municipais creadas	640
» particulares.....	38
» noturnas	18
Jardins de Infancia	6
Mobiliarios fornecidos para a instalação de escolas	11
Livros distribuidos	4.305
Circulares enviadas aos prefeitos ..	8.003
» aos particulares.....	685
Oficios recebidos.....	6.452
Cartas enviadas.....	9.348

Foram visitadas pela B. P. A. setenta e três cidades paulistas.

Eis a integra do Decreto :

«O dr. Armando de Salles Oliveira, Interventor federal no Estado de S. Paulo, usando das attribuições que lhe confere o decreto n. 19.398, de 11 de Novembro de 1930 : e considerando que devem os municipios destinar parte de sua renda nos serviços de instrução primaria :

considerando que tem todo o interesse em melhorar o corpo docente das escolas municipaes :

considerando que no municipio de Santos o Lyceu Feminino Santista tem preenchido o seu programma moral e facilitado a instrução pedagogica de grande numero de moças pobres, razão por que aquella municipalidade, por lei, garantiu as suas diplomadas o ingresso no magisterio primario local ;

considerando que, no seu dever de zelar pela educação popular incumbe ao Estado, quando não a proporcione, superintender a instrução por todo o seu territorio;

DECRETA :

Art. 1.º—Ficam as municipalidades obrigadas a dispender com a instrução publica primaria as seguintes porcentagens minimas, sobre a media de suas arrecadações nos tres ultimos exercicios :

sobre os primeiros 400:000\$, 5%; sobre a importancia entre 401:000\$ e 600:000\$, 4, 5%; sobre a importancia entre 601:000\$ e 800:000\$, 4%, sobre a importancia entre 801\$ e 1.000:000\$, 3, 5%; sobre o que exceder de mil contos, 3%.

Art. 2.º—A parte da receita dos municipios, destinada obrigatoriamente á instrução primaria, só pode ser aplicada :

a) No pagamento dos vencimentos dos professores municipaes; b) no custeio do material didactico; c) na construção ou locação de predios escolares.

Parapho unico—A fiscalisação e inspecção, e outros serviços congeneres da instrucção municipal, serão effectuados pelo Estado.

Art. 3.º—O curso e os programmas das Escolas municipaes serão identicos aos das escolas do Estado.

Art. 4.º—Serão nomeados professores de escolas municipaes e das aulas theoricas das escolas profissionaes mantidas pelas municipalidades, os diplomados por escola normal official ou equiparada.

Parapho 1.º—Em igualdade de condições, terão preferencia para a nomeação, candidatos que requeiram sua nomeação.

Parapho 3.º—No municipio de Santos, continuarão a gosar dos direitos da nomeação, as diplomadas pelo Lyceu Feminino Santista.

Art. 5.º—As nomeações, remoções e demissões de professores, serão feitas nos municipios pelos respectivos prefeitos mediante previa approvação do Departamento de Administração Municipal.

Art. 6.º—Os professores de Escolas municipaes serão considerados como funcionarios estaduaes, para com effectos immediatos de contibuição para Caixa Beneficente, de accordo com respectivo regulamento e de contagem de tempo se vierem a ingressar no magisterio de Estado.

Parapho unico—As professoras diplomadas pelo Lyceu Feminino Santista, não terão direito a essas regalias.

Art. 8.º—As escolas ruraes serão localizadas, de preferencia, nas fazendas onde for gratuita a installação e manutenção das mesmas assim como a hospedagem dos respectivos professores.

Art. 9.º—Organizado pelo Estado o serviço de recenseamento escolar e consequente fixação dos nucleos escolares, nenhuma escola, mesmo municipal, poderá ser installada se não onde houver numero de alumnos sufficiente.

Art. 10—Os actuaes professores municipaes leigos, poderão a juizo do Departamento de Administração Municipal ouvidas as autoridades escolares, continuar na regencia das respectivas escolas e classes, apenas com os direitos que já tenham.

Art. 11—Opportunamente será expedido o regulamento para completa execução desse decreto.

Art. 12.—O presente decreto entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrario».

ORAÇÃO A' PATRIA

AMAZONAS DE FIGUEIREDO

Por ocasião das festas de 7 de Setembro, celebradas, o ano passado, nesta capital, o dr. Amazonas de Figueiredo, diretor geral da Educação e Ensino Publico, proferiu a brilhante oração que hoje ilustra estas paginas.

Exmo. sr. interventor federal. Minhas senhoras. Meus senhores. Mocidade brasileira do Pará.

E' bem digna, senhores, do esplendor desta magnifica manhã tropical, da alegria que estua por esta praça afóra, nos hinos vibrantes da juventude em flôr, no sorriso gracil das mulheres patricias e no entusiasmo viril de nossos homens, a data que hoje passa, a maior da nossa historia, concretisação que é da mais elevada aspiração de uma nacionalidade: a da sua emancipação politica!

Quanto mais estudo a historia da nossa terra, mais me convenço do seu futuro radioso e mais me orgulho de ser brasileiro! Não é possivel que um povo que tem um passado heroico, como o nosso, de grandes homens e de gloria imortais, sintese de uma longa serie de esforços e renunciias, de sacrificios e abnegações, não tenha confiança no presente e não sinta esperança no porvir!...

O 7 de setembro de 1822, senhores, não foi mais do que a eclosão á luz esplendorosa do Novo Mundo, de um sentimento que germinou e fez-se fronde a esgalhar-se por toda esta privilegiada terra de Santa Cruz.

O Brasil, colosso que se deita sobre as aguas esmeraldas do Atlantico, que contempla nos céus as miriades de estrelas que formam o portentoso Cruseiro do Sul—simbolo evidente da proteção de Deus—sempre teve a consciencia de sua extensão incomparavel e foi, na palavra inspirada de JOAQUIM NABUCO, «governado pelo sentimento profético do seu futuro».

Desde cedo desabrochou o espirito de nacionalidade; desde cedo compreendemos que as decendencias do colono livre,

vindo da Europa, do escravo negro, arrancado á força do continente africano, e do aborigene agrupado nas missões pelo trabalho ingente da catequese—formavam— o espirito e o carater brasileiro, não no cadinho dos preconceitos das suas diferentes raças, mas obedecendo á influencia de fatores varios que abroilhavam através da natureza magnificente que os criava, plasmando-os á sua imagem, cheios de grandeza moral, profundamente arraigados ao *habitat* que os vira nascer, dignos do rutilante sol americano.

E foi este povo, e foi esta raça, que conquistou, durante o largo periodo colonial, passo a passo, palmo a palmo, polegada por polegada, este vastissimo territorio, disputando-o ao estrangeiro audaz que, aqui, pretendia dominar; desvendando os misterios das selvas densas e impenetraveis e extrahindo á terra os arcanos que pareciam imperscrutaveis em seu seio maravilhoso. «Pelo seu esforço, defendendo o litoral e conquistando o interior, o brasileiro» di-lo e saudoso historiador ROCHA POMBO, «arredou as raias do dominio, ampliando o territorio, fazendo-o três vezes maior do que o tinham feito os tratados. E tudo isto, quasi sempre sem que a metropole o soubesse, ou pelo menos, sem a sua intervenção direta e até muitas vezes, contrariando a propria politica da Corte».

Que mais, senhores, para explicar como surgiu na alma do povo em formação, um indestrutivel sentimento de amor á gleba e a origem de uma acentuada conciencia juridica em conflito com as tradições da politica de Portugal? E mais profundo e mais forte, mais intenso e poderoso esse sentimento a dominar toda a vida da sociedade que floresce, porque nessa terra encantadora, que é a nossa, em dois seculos apenas, desenvolveu-se a riqueza, constituindo-se a colonia em verdadeiro socorro do velho reino depauperado, esgotado! «Em fins do seculo XVII», escreve o historiador luso ROCHA MARTINS, «estava Portugal despovoado é inculto, miseraveis e nuas as povoações, sem riqueza nem trabalho: —as minas do Brasil deram ao Rei e ao povo uma fortuna, que o reino lhes negava!»

Etetivamente, senhores, não fosse o novel e prospero Brasil do seculo XVII, e difficilmente Portugal teria subsistido aniquilado pelo esforço que fizera na construção de sua gloriosa epopéa maritima, e desiludido da improficua conquista das Indias, o sorvedouro famoso de suas melhores energias. Basta lembrar que só durante o reinado de D. João V. Portugal recebeu do Brasil: 130 milhões de cruzados, 100 mil moedas de ouro, 3 15 marcos de prata, 24.500 marcos de ouro em barra, 700 arrobas de ouro em pó mais de 40

milhões de cruzados de diamantes e, além disso, o tesouro recolhia, anualmente, cerca de milhão e meio de cruzados, produto dos quintos e do monopólio do pau-Brasil!

E enquanto seguia toda essa fortuna admirável mar afóra jazia a colonia generosa no mais completo abandono. Foi, senhores, esse olvido a que relegára a Metropole, que se constituiu o gerador das reacções que espontaram aqui e acolá; foi ele mesmo que germinou o espirito de revolta nativista, de que Mascates, Emboabas e a inconfidencia Mineira são as primeiras manifestações positivas demonstrando, assim, que os colonos só pareciam resignados com a sua sorte, porque, dispersos num territorio imenso, não tinham, ainda, a coesão indispensavel a toda ação politica... Este problema, senhores, solucinou-o a invasão das fronteiras portuguezas por JUNOT, a 23 de novembro de 1807, quando D. João VI, atravessando o Atlantico e chegando ao Brasil, trouxe á nossa indole indomita de independencia um rei e um futuro Imperador... Não era possivel conder a caudal que se despenhava: «PEDRO» —protere D. João VI, na hora de despedida -- «O Brasil, brevemente se separará de Portugal; se assim for, põe a corôa sobre tua cabeça, antes que algum aventureiro lance mão dela»!

Não nos quiz compreender a Corte portuguezá; e os áros de hostilidades, uns sobre os outros, mais cedo do que acreditasse, talvez, o velho monarca que partira, fizeram surgir, de quebrada em quebrada, pelo país inteiro, o grito do «Fico», —«que correspondia, na realidade, a uma rebelião aberta contra a Metropole ou melhor, que era o indice veemente de que o Brasil havia atingido a sua maioridade politica e que de um modo ou de outro, por este ou por aquele motivo, havia de proclamar a sua independencia»...

Mocidade paraense do Brasil, nessa hora solenissima em que relembramos os nossos maiores, curvai-vos, respeitosa, ante a figura excelsa de JOSE' BONIFACIO DE ANDRADE E SILVA!

Do alto da tribuna, em plena Côrte Portuguezá, dizia BORGES CARNEIRO, o chefe mais em evidencia contra o Brasil «no Rio de Janeiro, um só homem; JOSE' BONIFACIO, com a energia do um carater, improvisa forças de terra e mar, acha recursos em abundancia, e põe-nos pela porta fóra com a maior semcerimonia possivel. Nós, aqui, gastamos tempo em falar e não fazemos senão registrar as desfeitas que recebemos do Brasil»...

Dir-se-ia que todos os corações naqueles grandes dias da Patria, se apercebem de que se passa é solenidade da Nação que vai falar pela primeira vez no mundo... E falou a 7 de

Setembro de 1822... Exclama o Príncipe Regente nas margens do Ipiranga: «E' preciso acabar com isto. Independencia ou morte!»

Estamos completamente livres. Somos Nação independente. E, como observa Oliveira Vianna, «para compor o mecanismo desse governo necessariamente unitario, encontraram á mão, por um acaso feliz, uma peça essencial, um rei. Com ele vão fazer gravitar em torno do centro fluminense todas as provincias dissociadas, mesmo as mais remotas. Sem ele, o desmembramento do país seria absolutamente inevitavel» . . .

E nós, meus senhores, que recebemos do Imperio esta herança magnifica de uma Patria unida e livre, temos a obrigação de conserva-la intacta, coesa e forte, compreendendo que somente a união, a fraternidade podem dar vida a uma nação, que na realidade, só se considerará grande quando, como em vestalato de honra, mantem o culto desse principio que á semelhança de uma religião, tem os seus martyres e os seus herois!

E que seja esse amor á Patria o fator maximo dos elementos da vida nacional, para o nosso civismo, para o impulso do nosso coração e do nosso espirito, e finalidade alta e suprema do nosso Brasil, confirmando, assim, o vaticinio de SOUTHEY de que «das empresas dos nossos colonisadores surgiram consequencias mais amplas e, provavelmente, mais doradouras que as conquistas de ALEXANDRE e CARLOS MAGNO». Viva o Brasil! . . .

Lauro Sodré e ESCOLA

Lauro Sodré, o eminente paraense, nome que se impoz no Brasil pelas suas multimodas qualidades como estadista e educador, enviou a seguinte caria ao sr. dr. Amazonas de Figueiredo, diretor da Educação:

Exmo. Snr. Dr. Amazonas de Figueiredo.

Saudações cordiaes. Devo-lhe os meus agradecimentos pela attenciosa remessa da ESCOLA, interessante publicação, que recommenda a nossa terra, onde se continua a cuidar das coisas do ensino, bem lembrado no ultimo numero dessa revista o nome de José Verissimo, a que foi devido o primeiro e largo passo da Republica em beneficio da instrucção publica do Pará.

23—8—934.

Amo. affecto.

Lauro Sodré.

O PROBLEMA DO ENSINO RURAL

Curso de Piscicultura no Pará

DALCIDIO JURANDIR

O Governo creou o curso de piscicultura nas escolas do Salgado. Salgado é a zona dos peixes, vigilengas, mar alto, caboclama experimentada no cano do leme, no lanço das redes, ao sabor das trovoadas no perigo das grandes pescarias.

Com esse ato o Governo vai compreendendo o verdadeiro senso rural das escolas no interior. A adaptação do ensino rural ao ambiente em que se acha localizado, criando os «centros de interesse» no meio e nas tendências, é, em suma, o ideal do ruralismo por que tanto se bate o bom senso dos nossos sociólogos e dos que veem a solução do problema nacional na fixação definitiva das nossas populações rurais.

Hoje mais do que nunca devemos encaminhar o nosso povo a fixar a sua realidade dentro do meio em que nasceu e trabalha, educando-se na sua propria atmosfera de atividades.

A piscicultura nas escolas do Salgado vai ser o maior «centro de interesse» da curuminzada escolar. Acabou-se a velharia didatica, desfez-se o nevoeiro dos aridos programas, tudo se transforma em um nucleo vital, em colmeia inteligente e creadora, esboçando-se, promissoramente, a tão sonhada educação infantil do nosso caboclo.

Os metodos da escola rural devem inspirar-se nas condições e necessidades do trabalho e do interesse das creanças na sua propria ambiencia. A piscicultura é o proprio curso das escolas do Salgado. O peixe vem do mar, dos rios, dos igarapés, das tapagens, dos lagos, dos balsedos. E' um ramo maravilhoso de observações, de interesses, de sugestões fecundas. A agua é um centro de interesse. O peixe encaminha o interesse á historia

natural. A noticia da rede hidrografica da região desenvolve-se até levar o menino ao conhecimento da geografia. Eis porque o governo com esse áto realisa uma das mais notaveis reformas em nosso ensino rural.

O pensamento do Governo seria a criação dos aprendizados ou internatos agricolas distribuidos, inteligentemente, nas varias zonas do Estado.

Falta-nos o dinheiro para isso. O Estado luta com dificuldades imensas. Por emquanto não é possivel ao Governo desdobrar como deseja estes dois grandes ramos administrativos : a saúde e a instrução. Os tecnicos, os especialistas, os mestres custam caro. O grande plano da educação rural deveria ser encaminhado pelo Governo da Republica, com a contribuição dos nossos capitalistas e a solidariedade de todos os homens de bôa vontade. O Governo fundaria os cursos de aperfeiçoamento, os institutos tecnicos, as escolas de preparação ao ensino rural para a formação dos futuros mestres do campo, da praia, do sertão.

Marajó, Tocantins, o Baixo Amazonas vão possuir tambem as suas escolas—tipicas, integrando assim o sistema do ensino rural em nosso Estado.

A Sociedade dos Amigos de Alberto Torres enviou á Diretoria de Educação folhetos, livros, programas, numa propaganda intensa pelo ensino rural. Os amigos de Alberto Torres estão correspondendo áquele infatigavel pensamento do claro e sereno ideologo da Organização Nacional. Alberto Torres via o perigo da nossa civilização de fachada. Apontava o abandono das nossas populações agricolas. Euclides em «Os Sertões» lança o seu libelo memoravel. Não ha economia sem fixação do trabalho. A não ser pelo sul favorecido pelo Governo Federal, que custeava as imigrações, amparava a lavoura e creava o ensino, não ha no Brasil uma estrutura de trabalho rural, de riqueza equilibrada, que possa garantir a vitalidade dos nossos bons costumes politicos e sociais. Alem da enormidade territorial, o deserto, a deficiencia do transporte, temos o cangaço, as endemias, os latifundios, os «patrões», o que dá o velho aspecto rudimentar da nossa sociedade rural. Dizia Alberto Torres que faltava direção mental ao Brasil.

Quanto ao problema economico falta-nos direção rural.

A solução está na associação de todas as forças, todas as vontades, com a ajuda dos capitais para ser elaborado o intenso e magnifico sistema da educação rural do paiz.

Sociedade dos Amigos de Alberto Torres

Eis a circular enviada pela Sociedade dos Amigos de Alberto Torres às municipalidades do Brasil.

Exmo. Sr. Prefeito :

Saudações cordiais.

Em nome da Sociedade Alberto Torres tenho a honra de comunicar a V. Excia. a instalação na presente data, da Federação Brasileira dos Clubes Agrícolas Escolares que, de início, reúne 400 Clubes dos diferentes Estados do Brasil.

Para que V. Excia. possa ajuizar o que são os Clubes Agrícolas, destaco os seus principais objectivos:

a) dignificar o trabalho manual; elevar e engrandecer a vocação e a profissão do lavrador; inculcar na consciencia de seus socios o amor á terra; o sentimento de nobreza das actividades agrícolas e a idéa do seu valor economico e patriótico;

b) mostrar os perigos do urbanismo e do abandono dos campos;

c) desenvolver o espirito de cooperação na escola, na familia e na coletividade;

d) incentivar a policultura e proporcionar a aprendizagem de métodos agrícolas regionais, pondo em pratica os principios da agricultura científica e demonstrando o rendimento das criações e lavouras bem orientadas e tratadas;

e) colaborar para o melhoramento permanente da vida rural, tornando-a mais agradável e aperfeiçoando-a sob o ponto de vista, da sociabilidade, da estética e da cultura em geral;

f) formar e cultivar hábitos de economia;

g) fazer a propaganda, na comunidade rural, da vivenda bonita, alegre e higienica e dos hábitos e noções necessarias á preparação da consciencia sanitaria;

h) ministrar informações estatísticas e outras relacionadas com a produção, a industria, o comércio e o transporte;

i) proteger os animais e as plantas;

j) trabalhar pelo reflorescimento local preparando o viveiro que forneça mudas aos socios.

Art. 5.º—Compete ao Secretario :

a) fazer a correspondencia do Clube; lavrar as atas; cuidar da bibliotéca; arquivar os compromissos; preparar as noticias para os jornais.

Art. 6.º—Compete ao Tesoureiro :

a) arrecadar a importancia das rendas dos produtos e entrega-la á Diretoria;

b) fazer a escrituração financeira do Clube, devidamente autorizado pela Diretoria, comprar com os recursos do Clube o material de secretaria e de trabalho que o Clube precisar.

Art. 7.º—Compete aos Zeladores :

a) verificar si as plantações e criações dos socios, estão de acôrdo com os compromissos que estes assinaram ;

b) acompanhar as cultras e criações dos socios, seu desenvolvimento, indicar-lhes providencias contra pragas, ensinar-lhes meios certos de trabalhar a terra e fazer as criações ;

c) com a Diretoria e o Presidente organizar feiras e exposições locais dos prodútps dos socios ;

d) denunciar a derrubada das arvores e destruição de monumentos naturais que existem no logar.

Destina-se a Federação dirigir e coordenar o movimento dos Clubes em todo o Brasil. Com o apoio do Ministerio da Agticultura espera a Federação fundar em cada municipio do Brasil um daqueles Clubes.

Quero chamar a atenção de V. Excia. para esse trabalho que é um esforço honesto, patriotico e elevado que leva avante a Sociedade Alberto Torres cujas iniciativas são conduzidas com galhardia, entusiasmo e sinceridade, a maioria das quais vitoriosas, como a constitucionalização das sêcas, o ensino rural, a campanha contra a vinda dos assyrios e inumeras outras.

E' tempo do Brasil sair da pobreza material e de idéas em que tem vivido.

Isto só se conseguirá educando as novas gerações por outro processo e não o que temos usado.

Urge dar ao homem do interior do Brasil uma consciencia do seu valor. Acreditamos que nossos Clubes Agricolas, impulsionados pela Federação e pela Sociedade Alberto Torres, é um grande passo nesse sentido.

Para êles pois, pedimos seu apoio afim de que em seu municipio e que V. Excia. honrando sua administração facilite ao mesmo um terreno e material para o trabalho como seja ferramenta e arame para cercar o terreno do clube.

Na certeza de merecer sua atenção aguardo sua resposta.

De V. Excia.

At.º Obr.º

Rafael Xavier

Presidente da Federação e Diretor da Diretoria de Estatística da Produção do Ministerio da Agricultura.

O SORRISO DE GANDHI

PAULO DE OLIVEIRA

«O sorriso de Gandhi» é um dos capítulos de «Topographia dos Instinctos», serie de ensaios com que Paulo de Oliveira, nome de relevo em nossa imprensa, vae enriquecer as lettras paraenses e projectar, no sul do paiz, um novo aspecto de cultura e de pensamento do Pará.

Spengler, o pensador de estructura bronzea, examinando, num golpe clinico, o panorama universal, lançou á meditação do mundo, uma obra que vale por um diagnostico alarmante — «A Decadencia do Occidente».

E temos, já, a exsurgir desse cháos em que afunda a sociedade, Gandhi, genio meio butão, em bom sentido latino, caricatura de Mephistopheles para os scepticos, empreiteiro de demolições para os que se lhe antepõem, a sorrir, sempre, naquelle sorriso nefando e intraduzivel de Budha com molas divinas, ante John Bull, poderoso...

Gandhi é uma legenda da hora que vivemos...

E o symbolo eterno da burguesia se desmorona ante o riso desse desdentado descendente dos brahmanes, entidade que substancia neste momento incontrastavel de profundas renovações sociaes, a sabedoria eterna do «Vedda»...

O sorriso do Mahatma Gandhi desconcerta o Mundo, preso das mais cruentas e sombrias crises... E o Mundo procura decitrar o sorriso navalhante de Gandhi, aberto em vogaes claras, como os fios dagua que descem das faldas nataes, em que se alteiam os templos impenetraveis, donde a sciencia ultra-psychica dos sacerdotes se distende sobre tresentos milhões de almas...

Quem é esse homem extraordinario que, tocado pelo mais esplendoroso ideal de fraternidade, abandona sua acreditadissima e frequentadissima banca de advogado famoso e

respeitado, para vir lutar pela independencia do povo indiano ?

Como desnudar, para sopesar-lhe os kilates, para medir-lhe os angulos, a morphologia religiosa dessa alma blindada numa especie de gnosticismo civico transubstanciado nessa viva e irreductivel fé patriótica laivada dum fanatismo irreconciliavel com as formulas do meio termo ?

De que forças sobrenaturaes o dotou a natureza, que elle sem armas, sem odios, sem soldados, sem sangue, sem dinheiro, sem opulencia, enfrenta a Inglaterra, a secular dominadora dos mares, a senhora e possuidora dos mais vastos latifundios coloniaes; o solo em que assentam as bases da riqueza mundial—e consegue controlar, espiritualmente, a immensa população do paiz de Brahma ?

A obstinação disciplinada. A resistencia espiritual da massa, nascida, filete a filete, de individuo a individuo, até avolumar-se em caudal. Dizia um antigo que todas as obras da criação se revelam maravilhosas, porém, nenhuma é mais perfeita nem mais assombrosa que o homem. Desconfio que essas asseverativas pingaram dos labios de Socrates, o philosofo maximo.

Gandhi é o maior homem do mundo, o mais perfeito, o mais divinizado.

Um individuo que somma em si, naquella figura esqueletica, a vontade de tresentos milhões de almas e enfrenta uma Nação, a mais poderosa do Globo!

Uma patricia que, terminado os estudos superiores, em Londres, delle se vae despedir, para o regresso á India, diz :

—Sim, vae ! Casa-te logo e tenhas muitos filhos ! . . .

Aos altos politicos inglezes que o convidam e a outros chefes nacionalistas indianos para a Conferencia da Mesa Redonda, a assentar um accordo, que puzesse termo aos arrepios internos de Possessão Britannica, Gandhi desfecha :

—Não ! A India precisa ser livre !

E a Mesa Redonda ruiu, fragorosamente . . .

Exilou-o a Inglaterra, arrancando-o do seio das multidões, que o incomparavel guião doutrinava, ensinando-lhes a resistencia passiva, pelo fortalecimento espiritual, dispensando toda a tafularia, toda a cousa essencialmente prescindivel. Nada valeu. Devolveu-o a Inglaterra.

Sabe-se de Diogenes, o fundador da escola cynica, que, sendo visitado, no tonel em que morava, pelo grande Alexandre, este lhe perguutou :

—Que desejas ?

—Que me não tapes o sol . . .—respondeu-lhe o grego illustre.

Doutra feita, quando elle julgava haver attingido o maximo da renuncia por tudo que fosse dispensavel, viu uma creança que tomava agua, apanhando-a nas mãos, fechadas em concha.

O philosopho sorriu, atirou fóra o caneco que trazia preso á cinta e beijou na testa o menino:

—Tu me ensinaste que ainda carrego coisas inuteis!...

Agora, projecta-se sob esse fundo de disciplina interior o genio de Gandhi, em relação a seus adeptos.

Primeiro, abater o dominio commercial britannico nas Indias, enfraquecendo-lhe os sectores economicos. São mais de trescentos milhões de individuos a consumir productos de toda especie, procedentes da Côrte...

O proprio Gandhi dá o exemplo. Entra a tecer com suas mãos morenas, de pelle apergaminhada, de veias resaltantes, o panno para a *chaddar*—o traje tradicional dos hindús; alimenta-se de tamaras e leite de cabra; dorme em esteiras; calça sandalias de fibras e, com elle, milhões e milhões de patri-cios!

E a Inglaterra tremeu nos seus fundamentos...

A Metropole commercia nas Indias milhares e sobre milhares de toneladas de sal por anno. Gandhi leva os adeptos ás proximidades do mar e lhes declara que a agua é generosa e bôa e tambem deseja a libertação da India. Ensina, então, á massa o fabrico do sal pela captação da agua do mar...

O povaréu, ansioso, quer a palavra de Gandhi. E busca-o em avalanche tumultuosa. Sequioso de vingança, pretende sublevar-se e depredar. Reclama á sua frente o apostolo maximo...

Gandhi surge, esgrouvinhado, á janella da tósca habitação. A um gesto seu, a multidão serena e ajoelha, curvando a cerviz até o chão, magnetizada pelo extraordinario oraculo...

Gandhi, com voz tremula e metallica, recita versos sagrados, e prega á massa, fortalecendo-lhe o espirito com a luz de seu genio super-humano. Manda que as mãos soltem as adagas e as carabinas para empunhar os Livros Sagrados, onde está a verdade escripta em lettras indiluveis, que os seculos não conseguiram descorar. Que as mãos desapertem os gatilhos e revolvam a terra e fiem, fiem, sem cessar...

E a Inglaterra tremeu em seus fundamentos...

Inimigo, assim, do Vice Reinado; desarticulador, impiedoso, da 'grandesa e do poder de S. M. Britannica, é preso e levado, sob armas, para Londres, onde o expatriam. Levantam-se em peso, seus adeptos, a India toda.

Gandhi sorri, aconselha que todos retornem a seus lares e continuem a fiar, sempre a fiar, a beber leite de cabra e a

comer tamaras. . . E que enchem o espirito insondavel da verdade que está nos Livros Sagrados. . .

E a Inglaterra treme nos seus fundamentos. . .

Gandhi chega á Londres brumosa e trepidante e o povo o victoria! O Mundo occidental deseja ouvil-o. Os prelos gemem. O telegrapho sacóde para todas partes do Mundo as palavras oraculares do Mahatma, secco, desdentado, sorrindo sempre. . .

—A India precisa ser livre!

O Universo, attonito, fixa esse principe da sabedoria humana que enfrenta, com um sorriso, a mais poderosa de todas as Nações—a Inglaterra!

Nietzsch o inscreveria na galeria solennissima dos super-homens!

(Do «Topographia dos Instinctos», inedito)

A data de 7 de Setembro

A data da Independencia nacional vai ser, hoje, celebrada nesta cidade, com um relevo excepcional.

A' praça da Commemoração engalanada para a brilhante cerimonia, milhares de creanças desfilarão, em parada, além da mocidade das escolas secundarias.

Haverá uma demonstração de gymnastica effectuada por todos os alumnos dos grupos escolares, Gymnasio, Escola Normal, Instituto Carlos Gomes e collegios particulares.

Para o maior brilho da grande parada, o Governo mandou vir quinhentos escolares de todos os municipios do Estado.

Será uma festa de alta significação civica attestando o notavel progresso da instrucção Publica do Estado.

PALESTRAS PEDAGOGICAS

A escola nova e sua finalidade

PROFESSORA CORINA LASSANCE CUNHA

A escola moderna, sob a luz das novas orientações pedagógicas, deve constituir, para a criança, promissor e suggestivo centro de atracção.

A escola-prisão, a escola-supplicio, onde o professor de outr'ora, de férula em punho, era o terror das almas infantís, essa é hoje uma triste tradição dos primitivos methodos de ensino.

Fôram-se, felizmente, os tempos em que a criança, triste, bisonha, a alma retrahida, o espirito torturado, aparvalhada quasi, marchava para a escola como o boi para o matadouro, na expressão causticante de Guerra Junqueiro.

E' que a apavorava a só presença do austero mestre-escola, quasi sempre de preto, oculos no nariz, palmatoria nas mãos, sobrecenho carregado, feroz...

Hoje, a escola deve ser como certos recantos privilegiados da Natureza, onde a florescencia é eterna e gorgeiam sem cessar os passaros cantores. A criança deve procural-a de alma limpida e cantante, o espirito alegremente predisposto para receber o orvalho salutar do ensino.

E quem faz a escola nova, com todos os seu encantos e attractivos, encaminhando-a com proveito e segurança na realização de sua finalidade, é o professor, o mestre, o educador. A elle compete, pela perfeita intuição que deve ter da nobre missão que lhe pésa sobre os hombros, formar a ambiencia escolar, dentro da qual o discipulo se sinta bem, sem constrangimento, em plena liberdade de acção, como se estivesse em familia, de molde a poder, sem receio dar expansão ás manifestações do seu espirito ainda embryonario, manifestações essas pelas quaes o professor aquilatará da capacidade, das tendencias, das predisposições de cada alumno, podendo, assim, norteal-as com eficiencia.

E' nesta orientação, e tendo em vista os multiplos aspectos da escola moderna, da escola nova, que o mestre revelará, de par com a vocação, que é innata, os apuramentos de sua capacidade na sciencia e na arte de ensinar. Ensinar, deleitando, é reunir o util ao agradável. O mestre que consegue, pela suggestão, pelo estímulo, pela emulação, despertar no discipulo o gosto e o interesse pelas coisas do ensino, póde confiar com segurança no exito de sua missão.

Caberia aqui—se os estreitos ambitos desta singela e desalinhada palestra o permittissem — larga digressão sobre o premio escolar como estímulo, no sentido de despertar no estudante o amor e applicação ao estudo. Sei que educadores e pedagogistas de destacado renome condemnam essa praxe como nociva, sob o pretexto de que ella concorre para alimantar o sentimento do interesse . . . Mas, se esse interesse é nobre, se o fim visado é digno qual o de se elevar e engrandecer pela applicação ao estudo, segue-se que o premio escolar é de proficuas e salutaes consequencias. Deizemos, porém, de parte semelhante assumpto, que, só por si, póde ser objecto de uma conferencia, e encaremos a escola primaria, embora em traços rapidos, como factor precipuo na formação da nossa nacionalidade.

E' na escola primaria, pela instrucção e pela educação, pois que a sua missão não deve ser unicamente instruir mas educar tambem, que a creança, com os primeiros clarões do abecedario, recebe as primeiras noções de honra, dever e patriotismo. E assim vae a escola primaria consolidando pela instrucção e pela educação, a estructura moral e intellectual da Patria.

Devemos, peis, proclamar a necessidade da educação nas escolas, como elemento preparador e fortalecedor da alma nacional. E se essa educação tiver por base os salutaes ensinamentos moraes espalhados no mundo pela palavra sagrada do Nazareno, então a escola primaria concorrerá, indubitavelmente, para assegurar, sob o signo do Cruzeiro, a prosperidade, a paz, a ordem, a harmonia e a integridade do Brasil.

O problema da educação popular é um problema de organização nacional tão gráve, tão serio, tão urgente como os que mais o sejam.

LOURENÇO FILHO

INSTRUÇÃO

JULIETA GÓES DAS DORES

Professora Normalista

Tomei para tema desta palestra a Instrução que, na frase de grandes oradores, prenderia o auditorio muito tempo, mas eu, apenas poderei dizer coisas muito simples e conhecidas neste assunto. Direi primeiro da Inteligencia para depois tratar da Instrução, porque aquela é, como sabemos, a faculdade que nos faz compreender as cousas. Por ela observamos e julgamos tudo, portanto devemos cultiva-la, pois é dela que provem a Instrução! Quanta coisa encerra esta palavra sintetizada na cultura do espirito! E é o professor primario, o primeiro que se encarrega desta missão difficil e olhada com indiferença por muitos; é ele que lança os primeiros alicerces para levantar o templo do saber. Templo que encerra o que ha de mais precioso o que deslumbra os povos e o que eleva as nações! E' a Instrução que nos guia os passos, porque nas letras do alfabeto, ha mais luz do que nas constelações celestes ela é para o espirito o mesmo que o orvalho é para a flôr, a luz é para a treva e o sol vivificador para o Universo. Nós, mestres encarregados desta nobre missão, devemos cultivar a inteligencia das crianças com a mesma paciencia com que o jardineiro trata da flôr mais delicada do seu jardim e com o mesmo carinho da mãe amorosa que, alta noite, vela pelo filho!

O mestre, cuja missão é instruir, deve dedicar-se inteiramente ao ensino, procurando sempre levar aos alunos conhecimentos das disciplinas mais necessarias ao cultivo da inteligencia, porque o ensino bem feito é de grande resultado para o progresso de um povo. A tarefa que nos é confiada cheia de responsabilidades,

é bem difficil de ser levada a effeito, mas empregando um metodo, modificando outro e com muito boa verdade, alcançaremos esse desideratum — a Instrução espalhada por toda a parte—O mestre, segundo abalissada opinião deve dedicar-se filosoficamente á sua ciencia e patrioticamente aos seus discipulos, porque se assim não fizer será somente um mestre instrutor de letras e ciencias e nunca um bom professor que se interesse pela Patria, a qual merece de seus filhos os maiores sacrificios. O patriotismo é a mais sublime, a mais nobre e mais elevada de todas as virtudes civicas e a prova deste acrisolado amor, temos nos grandes vultos historicos que sacrificaram a vida pela Patria. O mestre instruindo tambem trabalha devotadamente por ella, porque os alumnos de hoje serão os grandes patriotas de amanhã.

Devemos aproveitar do alumno suas idéas e fazer que elle, pouco a pouco, se vá adaptando aos programas de ensino, não pela decoraçào e sim pela comprehensào que é o baluarte dos bons estudantes que consultam cuidadosamente os dicionarios e desta forma irão gradativamente enriquecendo o bello uso do vernaculo, não só pela pluralidade de sinonimos, como pelo neologismo que tanto enriquecem a nossa lingua. Devemos cultivar muito a intelligencia, pois só ella ajuda a praticar melhor os atos de nossa vida. O homem instruido saberá melhor dirigir os seus atos, não só pelo preparo intelectual adquirido desde a infancia e ministrado pelo professor primario, como terá melhor comprehensào de seus deveres. Instruir é levar luz, vida e saber aos logares mais longinquos, onde a ignorancia, com a sua treva envolve intelligencias que cultivadas serviriam para engrandecer a Patria, porque assim como a terra que não é lavrada cria espinhos e cardos, a intelligencia sem cultura não poderá sair da escuridào imensa em que está envolvida. E' exactamente na escola, neste recinto bemdito, nos livros, nas explanações do professor, que, meto- disando o ensino, procura sempre torna-lo agradavel e com suas explicações concisas, prender de tal forma a atençào do discipulo que se vá haurir o inebriante perfume do saber, e é da escola que o alumno ao sair, leva consigo os grandes conhecimentos que recebeu sem haver maltratado a intelligencia, nem provocado enfado.

Entre os livros de leitura adotados atualmente ha

alguns, muito bons como os de Olavo Bilac e Coelho Neto; A evolução aponta-nos compendios que de certo merecem nossa atenção como os do Dr. Decroly, figura de destaque na escola ativa e de outros. Para os adoptarmos, porem, precisamos de observar e experimentar o aconselhado metodo, já de algum modo, empregado entre nós. Devemos difundir a Instrução cada vês mais, lembrando-nos de que assim como da pedra bruta o artista forma a estatua mais bela, tambem o mestre pouco a pouco vai aperfeiçoando a inteligencia dos alunos, até ver brotar os primeiros lampejos do saber. Quantas vesês pequeninas intelligencias irradiam, com um fulgor do talento de Rui Barbosa, cujo nome vemos na fachada do nosso grupo.

José do Patrocinio, o grande negro, o bronze vivo como o chamou Coelho Neto disse: Deus acendeu um vulcão na cabeça de Rui Barbosa.

Rui desde o início de seus trabalhos escolares mostrou talento, já no Ginasio, já na Academia, onde conquistára sempre honrosas distincões. Em S. Paulo com os seus colegas Castro Alves e Joaquim Nabuco e junto a poetas, oradores e escritores iniciou a campanha da Abolição. Poder-se-ia dizer que aquela Faculdade de Direito era o ninho dessas aguias. Na tribuna eles competim, na imprensa rivalisavam, mas na poesia Castro Alves foi o principe das musas. Poeta maximo, autor da liberdade, advogado dos escravos Castro Alves foi o sol nascente. Rui foi o sol poente, este o esplendor dos astros que fez a trajetoria, aquele a estrela matutina que desaparece cedq. Dois astros, dois sóes, duas estrelas. Foi Rui Barbosa, a estrela luminosa que levou bem longe a grandesa do nosso País e que continuará a ser venerado na grande nação sul-americana da qual ele foi o maior filho e a nossa Patria vasto pedestal. A figura do grande patricio que assombrou o Universo com a potencia do seu verbo ficará a iluminar o Brasil com o fulgor das suas obras inscritas na Historia e gravadas no coração de cada brasileiro.

A vista das merecidas referencias feitas ao talento de Rui Barbosa, vemos, queridos meninos, quanta necessidade ha do cultivo da inteligencia, porque só a instrução nos colocará num lugar de destaque, como fez ao imortal Rui, cujo nome nesta casa de Ensino, é como um palio aberto, sob o qual se acolhe a esperançosa mocidade de nossa terra.

O ENSINO PRIMARIO NO BRASIL

de M. A. Teixeira de Freitas



PREFACIO é de Lourenço Filho. Claro, conciso, elucidador. Enaltece o notavel trabalho produzido pelo dr. Teixeira de Freitas, no Ministerio de Educação, no que concerne á tecnica educacional.

A estatística do ensino é o maior comentário da vida escolar de uma nação. Não havia estatística educacional no país. Lourenço Filho medindo o tamanho do problema estatístico no ensino, historiou a indiferença criminosa da União, a falta de rigorosa documentação atestando os resultados porventura obtidos no desenvolvimento escolar do Brasil. Agora o eminente educador regista, com entusiasmo, as novas diretrizes técnicas do Ministerio de Educação, a fase de vitalidade organizadora, o surto de propaganda e realizações através do Convenio Estatístico e da atividade modelar do dr. Teixeira de Freitas.

Na sua introdução ao livro, Teixeira de Freitas fixa as bases da organização que tomou ao seu cargo e expõe, luminosamente, os magníficos proveitos do seu difícil, penoso e maravilhoso trabalho.

Os mapas refletem a luminosidade do milagre produzido. Os numeros documentam a exposição das idéas e dos fatos.

O autor coligiu e comentou, com uma precisão de técnico, a situação geral do ensino em todos os Estados. Divulga a legislação de ensino, os métodos, a organização em suma e completa a divulgação com o computo estatístico.

Livro de contribuição para a historia da educação no Brasil, com um precioso relevo documental, « O Ensino Primario no Brasil » não é um trabalho subjetivo, uma doutrina ou livro de abstrações educacionais. Mas um livro vivido, obra realizada, concreta e de realidade animadora.

O dr. Teixeira de Freitas é um animador e um realizador. Sem alardes e sem pretensões está realizando uma obra duradoura, sensata, inteligente e tenaz em prol da instrução pública do país.

D. J.

CENTRO DE INTERESSE

Prof.^a *Emilia Henderson Loureiro*

(Do Grupo Escolar Rio Branco)

Em memoria de seu nome, Decroly não nos legou nenhum livro que lhe encarnasse e perpetuasse a concepção pedagogica, visto que adotára «um systema de principios, não de formulas».

Seus trabalhos esparsos e divulgados por seus colaboradores, são de eloquente valor.

Estabelecer parallelo entre os d'elle e os de seus pares, numa formula mental, exacta e precisa, é tarefa que não empreendemos.

O pensamento de Decroly é um sopro forte que abala ainda hoje a familia didatica. Adotar o seu methodo é pretender antepor o amor á verdade ao instincto de conservação, reflectido pela escola tradicional.

Na opinião do mestre, as formulas devem ser pessoas, deduzidas da pratica e do estudo consciente e methodico da vida da infancia.

A caracteristica do systema é o interesse espontaneo, ou provocado.

O contacto com as cousas estimula os sentidos das creanças e as impelle a agir e a pensar.

«Nada ha na intelligencia que não passasse primeiro pelos sentidos (Locke)». A creança vê, observa, inquire. Procede a experimentações, faz trabalhos comparativos, tira deduições e conclue.

Desse labor, orientado pelo mestre, surge uma série crescente de conhecimentos, que terão applicação na vida pratica.

Predomina na escola decrolyana o *exercicio de associações de idéas*. E, «não fôra a tarefa coordenadora do mestre, a imaginação pueril do alumno, ao sabor do capricho proprio, não se deteria facil em cousas proveitosas (Abner de Moura)».

«A' creança sobra energia, vitalidade que merece canalizada para que se não disperse na indisciplina». (Do mesmo autor).

Decroly desenvolve o «centro de interesse» em tres phases:—observação, associação e expressão, ampliando a segunda com os exercicios de tecnologia e de associação de causas e efeitos. Explana essas phases em «passos formais», processo despresado pela Escola Nova Brasileira, que offerece a licção como um todo—na opinião de emérito preceptor—separando-a, apenas por mero «expediente didatico», em situação total, actividade da classe e globalisação.

Nos trabalhos de observação, leva a creança a familiarizar-se com os conhecimentos dos phenomenos, á investigação de causas e observação de seus efeitos. E' uma pratica que se impõe, pelas vantagens facilmente auferidas.

Nesses exercicios, o mestre procura desenvolver ainda o vocabulario infantil, cuida do estudo da arithmetica, da geometria, das licções de cousas.

A *associação* deriva da observação. Escrupulosamente orientados, e controlados no uso da linguagem e nos conhecimentos adquiridos, os alumnos entregam-se ao importantissimo trabalho de associação de idéas. O mestre nol-o apresenta com quatro phisionomias:

a) se fazemos o estudo comparativo de factos e cousas com os de regiões distantes, encarados na actualidade, temos a geographia ou associação no espaço;

b) se os explicamos collocando-os em face do factor tempo, isto é, comparando-os com os de épocas afastadas, surge a historia ou associação no tempo;

c) se expomos as applicações praticas e industriaes das materias primas, as profissões que dellas derivam, etc., encaramos a tecnologia;

d) finalmente chegamos aos exercicios de investigações de causas e efeitos.

No decurso das aulas de associação, a creança relaciona os novos conhecimentos aos adquiridos na phase da observação.

A *expressão*, ultima phase do «centro de interesse», é o meio de a creança mostrar o que aprendeu. Inclue os exercicios de linguagem oral e escripta, a gymnastica, o desenho, os trabalhos manuaes, as canções, etc., desde que relacionados ao centro em apreço.

A pratica dos «centros de interesse» tem sido vastamente preconizada no mundo educativo moderno pelos competentes no assumpto. Habitua o alumno á «observação reflectida» e á associação exacta de idéas.

«A unidade externa vai corresponder á mental, oppondo-se essa unidade ao ensino fraccionario, pois os conhecimentos tomam feição variada, não diversa; visam modificação radical na conducta para aquisição de idéas, nunca maior ou menor quantidade dellas».

Em 1927, o inolvidavel mestre Carlos Góes compendiou os principaes «centros» do programma Decroly em excellente adaptação ao programma official de Minas Geraes.

Abner de Moura, nol-os mostra em licções globalizadas,—seguras directrizes para as nossas investigações pedagogicas. Em apendice, no mesmo livro, offerece interessante trabalho, adequação primorosa, modelada em Dalhem, para uma classe de 1.º anno, na Escola Rio Branco, de S. Paulo.

Scaraméli, em «Didatica», expõe com finalidade comparativa um «centro» desenvolvido sob tres escolas—verbalista, decrolyana e brasileira—esforçando-se por demonstrar a superioridade da ultima, na seguinte conclusão :

«Na primeira: os alumnos viram sem interesse.

Na segunda: viram com interesse.

Na terceira: fizeram com interesse».

Como se depreheende, não estabeleço dogmas. Apenas faço referências a idéas conhecidas de todos nós, mas de cuja realisação nunca nos preocupamos com entusiasmo.

Falha de orientação? Carencia de preparo? Cansaço phisico? Embates moraes?

Um pouco de tudo isso e de mais alguma coisa que nos abstemos de elucidar.

Mas, agora, que se multiplicam os ensaios da escola renovada em todos os ambitos dos Brasil, afastemos essas causas, esses motivos, que tolhem a energia, embotam a vontade e retardam a victoria. Caminhemos lado a lado dos realizadores do maior problema da humanidade—a educação.

E «que longo horizonte de idéas se descortina ao longe, a perder de vista, ao simples enunciado desta palavra: educação»!

Para o mestre, um estímulo basta—Patria! que é a dynamica do progresso.

Neste grupo, onde constituimos uma collectividade de 36 professoras, nenhuma, talvez, se julgue em condições de praticar a escola activa, tal como a preconizam os mestres e o requer o meio. Todas, porém, podem tentá-la, e algumas vão mostrando já realizações bem animadoras.

Penetremos a sala da professora Genoveva Silva, ha mais de um lustro fazendo experiencias, modestas embora, porque nunca passaram do ambiente desta casa, e observaremos em suas aulas a ausencia de fragmentação de materias da escola tradicional.

Recordemos o exito feliz, e bem recente de Palmyra Carvalho, na divulgação pratica do methodo em apreço.

«Uma riqueza se impõe, sim, para a pratica da escola activa ou de qualquer outra renovada; a da boa vontade, a da apostolicidade necessaria na missão de mestre».

E' o que me cabe externar ácerca do assumpto— «centros de interesse» em breve palestra com as collegas. Se não importasse em acto de indisciplina, eu teria relutado em attender á ordem da sra. directora. Não tivestes com as palavras por mim proferidas, a impressão de um subsidio ao estudo do melindroso problema. A minha intervenção é quasi inocua e só me resta, em ultima analyse, agradecer a bondade com que me ouvistes.



A ATIVIDADE HUMANA

LUZIA VALENTE LOBO

Como uma das mais proveitosas lições que podereis receber de nós é o culto pelo Trabalho, tornei para objetivo desta humilde palestra aquele capítulo da Instrução Moral, de suma importancia para a Escola Moderna, pois que constitue um dos seus principaes fatores.

O homem é um ser essencialmente ativo e sua atividade, que é apenas instintiva até os 7 anos, deve ser metodicamente aperfeiçoada em seu proprio beneficio. Daí portanto, resulta o fundamento da Escola Ativa, tambem chamada Escola de auto-instrução, que, como vos direi mais adiante, converte o aluno, por meio de um ensino ativo e dinamico num elemento eficiente e capaz da vida atual.

A atividade humana encontra o seu melhor emprego no trabalho — poderoso fator social que, norteado pela Vocação, trará o bem estar material e moral, especialmente quando auxiliado pela economia, que deve ser a virtude do pobre, e consiste em abstermo-nos de toda a despeza inutil.

—São varias as formas do trabalho; e, como segundo um preceito da Moral,—ninguem póde permanecer no mundo sem agir, sem trabalhar—cada qual faz livre escolha do genero de trabalho que lhe convem, de acordo com as suas inclinações, exercendo-o com zelo, dedicação e honestidade.

E, como não ha profissões humilhantes por mais humildes que sejam, tão util é o pedreiro, o marceneiro, o comerciante, o pintor, o tipografo, como é o medico, o farmaceutico, o bacharel, o professor e o jornalista.

Devemos resignar quando encontramos alguma dificuldade no desempenho de qualquer serviço, pois nem sempre o trabalho é isento de esforço e sofrimento—o que constitue seu merito e sua beleza.

O trabalho garante a nossa vida, livrando-a da miseria ao passo que a ociosidade e a preguiça, como fontes de grandes males, são portadoras de toda a sorte de vícios

que atentam contra o nosso corpo, a nossa alma e a nossa bolsa.

Quer dizer que: quem nada possui e não trabalha, inegavelmente vive a custa alheia, tomando emprestado, mendigando e muitas vezes roubando.

E' porisso que as leis castigam severamente os vadios e mendigos profissionais. E a propria caridade deve ser exercida com muita atenco nesses casos, porque «a esmola deve ser auxilio dos pobres e não salario de ociosos», que, entregando-se ao tédio e a indolencia, não presam a honra, cometendo atos indignos e deprimentos, ao contrario do homem de ao, do laborioso, que acha no trabalho sua primeira recompensa, adquirindo os meios de prover a propria subsistencia e, de sua familia, vivendo tranquila e honradamente, porque cumpre o seu dever na sociedade onde se mantem com independencia e dignidade.

Socialmente falando, o trabalho : «o penhor da Civilizao, a garantia da Paz, o seguro da Ordem, a alma do Progresso!

—Devemos-lhe tudo: o alimento, o vestuario, a habitao; emfim ele semeia por toda parte tranquilidade, alegria saude, conforto e abundancia.

Eis porque, logo ao romper da manhã, o lavrador sae com os pesados ferros da lavragem e vai roçar a mata bravia, a fim de arrotear a terra que, uma vez fecundada entrará a produzir, fazendo brotar a sementeira, expedindo em verduras e arvores frondosas que darão flores de inebriante perfume e frutos sazoados.

O carvoeiro, abrindo a cava, queima a lenha, que transformada em carvão vai dar o movimento s maquinas e fogo s cozinhas do pobre e do rico.

O marinheiro caminha sobre o mar, s vezes através de tanto perigo, guiando a embarcao, que leva os produtos das industrias nacionaes para todas as partes do mundo.

O operario, no seio das oficinas, com as mãos calosas contribue para a grandeza material do seu país.

O comerciante, fazendo troca dos generos que oferece procura os lucros que o recompensem.

O soldado, no labor disciplinado dos quarteis, prepara-se corajosamente para defendr a patria querida, quando ultrajada.

Os intellectuais, estudando, idealizando, produzindo obras geniais, que os immortalizam.

Emfim, todos cooperando numa convergencia de esforços, trabalham conforme a sua vocao, constituindo aquilo que chamamos sociedade humana, e desse conjunto nasce a solidariedade—«força moral que une os homens entre si».

Por ela, as pessoas se auxiliam mutuamente, comparando e vendendo o que cada um produz, e não  necessaria somente aos individuos,  necessaria igualmente 

Patria : e é assim que, não havendo solidariedade entre os filhos de uma nação, esta será condenada a desaparecer, porque não poderá resistir, quando guerreada por outras.

Da solidariedade nasce o progresso, que é o aperfeiçoamento da sociedade. Esta, com aquela, é uma consequência da vida em comum, tendo por base a família.

O amor do trabalho se adquire cedo, nesse templo bendito a que chamamos Escola, onde se faz a um só tempo a nossa formação moral, raramente iniciada na casa paterna

Sim, meninos, o vosso trabalho, por enquanto, está aí: estudando, aprendendo, observando, sob a direção de vossas dedicadas mostras, cuja missão é de imensa responsabilidade, pois, acompanhando cuidadosamente o desenvolvimento de cada intelligencia, para guia-la de acordo com as inclinações reveladas, a uma finalidade social, o seu trabalho tem de ser o de um especialista e profundo conhecedor de todos os segredos da psicologia individual porque tem do seu encargo uma grandesa infinita— a alma infantil, onde encontra sempre uma rica imaginação criadora, uma poesia imensa.

A Escola moderna não visa somente fazer o aluno obter um diploma e sim prepara-lo para a vida ativa e fecunda, e assim faz agir a criança ocupando-a em trabalhos cuja utilidade ela sinta, despertando-lhe interesse e fixando-lhe a atenção—tudo de par com as normas prescritas pela mesma Escola, favorecendo-lhes um meio educativo— físico, moral e intelectual, onde tudo é combinado, como diz Ferrière — para fazer a criança crescer, na expressão evangelica, em sabedoria, estatura e graça.

Para imprimir na memoria dos alunos os fatos de sua propria observação, instituiu as visitas mensaes aos jardins publicos, dos Museus, ás fabricas, a exposições agricolas e estabelecimentos comerciais, afim de mostrar-lhes «a realidade social, pondo-os em contacto frequente com os grandes centros de atividade para os quais se preparam», tornando-os emfim capazes da vida atual.

Amai, portanto, caros meninos a Escola—esse primeiro beneficio que recebeis do vosso Estado natal; frequentai-a com assiduidade, acompanhai atentamente as lições dadas por vossas dedicadas e incansaveis preceptoras, comportai-vos como bons estudantes e bons camaradas.

Estudai, aprendei; não desanimeis ante a primeira dificuldade que surgir em vossa frente.

Preparai-vos para vida, pois de vós depende o futuro e grandesa da Patria Brasileira.

Mas, é preciso dizer-vos tambem que «a Instrução por si só não basta ao homem; sem moral ela não faz mais do que facilitar a pratica do mal».

E, como tendes uma alma a ser cultivada e enobrecida é necessario que apureis o vosso espirito nos sublimes en-